

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

PRONUNCIAMENTO DA PROFA. ANA MARIA RADAELLI DA SILVA, EM NOME DA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Ana Maria Radaelli da Silva
Boletim Gaúcho de Geografia, 21: 183-186, ago., 1996.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38881/26365>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - ago., 1996

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

PRONUNCIAMENTO DA PROFA. ANA MARIA RADAELLI DA SILVA*, EM NOME DA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Senhoras e Senhores.

Está conosco o cidadão Milton Santos, advogado de formação; jornalista de profissão; e geógrafo, por opção.

Nesta cidade, está sendo acolhido como Hóspede Oficial do Município e, nesta Universidade, como um dos seus mais ilustres visitantes, para ser agraciado com a distinção de Professor "*Honoris Causa*", a mais alta das insígnias estatutárias concedida pelo Conselho Universitário que acolheu, por unanimidade, a indicação do Departamento de Geociências, referendada pela Congregação do ICEG e, enfaticamente, defendida pela relatora, Professora Telisa Furlanetto Graeff, que assim se expressou: "*Homenagear ao Professor Milton Santos, conferindo-lhe o título de PROFESSOR HONORIS CAUSA, por nossa Universidade, é uma forma de fazer justiça ao professor e pesquisador que resistiu ao desmonte que os vinte anos de obscurantismo tentaram fazer do estudo e da pesquisa nas áreas de Ciências Humanas e, principalmente, na área da Geografia, que é uma das que mais carece, hoje, de profissionais habilitados. É também, uma forma de nossa Universidade reconhecer a importância que tem essa ciência na produção de conhecimentos que apontem melhores caminhos para a humanidade.*"

Estimado Professor Milton Santos, com todo o respeito que lhe devemos, pedimos licença para expor o que, segundo nosso julgamento, seria oportuno ser dito nesta sessão e nos desculpamos se nossas palavras não conseguirem ser a expressão do quanto é mercedor.

Inicialmente, queremos destacar que é motivo de muita honra termos o privilégio de vivenciar o ineditismo deste momento que, tendo como testemunhas e participantes geógrafos, professores e alunos de Geografia, oportuniza-nos um exercício de pensar e buscar palavras que, da forma mais justa e fiel, exteriorizem o que vai na alma deste coletivo, para revelar quem é Milton Santos: intelectual, respeitado por todos os profissionais, de formação a mais variada, pelo trânsito de suas idéias, que não se confinaram nos limites de sua própria disciplina, e que vem a ser reconhecido não só pela magnitude de sua obra, mas também por sua trajetória como professor e estudioso de Geografia Humana.

Este momento tem a sua história: começou a ser gestado em julho de 1995, quan-

do, reunidos em Havana/CUBA, por ocasião do V Encontro de Geógrafos da América Latina e por adotarmos a prática do Pequeno Príncipe, buscamos cativar Milton Santos, para que Passo Fundo e este público tivessem o privilégio de oferecer guarida a um dos mais renomados geógrafos do mundo, transformado assim por um lastro de horas de dedicação ao trabalho e ao estudo de temas que se traduziram em sua extensa obra. E, por não ter sido uma deliberação única, ao nosso convite correspondeu o seu magnânimo gesto de aceitação.

Assim, agregamos ao orgulho de recebê-lo, o sentimento de gratidão por ter vindo em nome da Geografia e por contribuir para com o esforço que vimos realizando, no sentido de resgatar o prestígio desta ciência, em nível institucional e nos sistemas de ensino que, por conta de históricos equívocos, tem relegado a um plano inferior as áreas científicas que se dedicam às humanidades, o que não deixa de ser uma demonstração da aprendizagem de mais de uma de suas lições, expressas em seu livro, *O Espaço do Cidadão*, quando diz:

“A cidadania é mais que uma conquista individual.” E prossegue: *“Sozinhos, ficamos livres mas não podemos exercitar a nossa liberdade. Com o grupo, encontramos os meios de multiplicar as forças individuais, mediante a organização.”*

Portanto, trazê-lo a esta Universidade e apresentá-lo a este público encerra também a intenção de promover a Geografia neste XVI Encontro Estadual, cuja temática é um apelo à união de esforços para tratar a questão da cidadania como compromisso do geógrafo e para o qual, nós, gaúchos, prestamos nosso reconhecimento a este digno filho da terra baiana, mais precisamente de Brotas de Macatúbas, na Chapada Diamantina, no interior do Estado da Bahia, onde nasceu em 3 de maio de 1926.

Aos 15 anos de idade, já dava aulas particulares de Geografia, o que revela, precocemente, o gosto pela profissão, advinda de berço, uma vez que seus pais eram professores primários.

Na sua formação profissional, destaca-se o bacharelado em Direito pela Universidade da Bahia. Como tal desempenhou a profissão de advogado na cidade portuária de Ilhéus, concomitantemente com o exercício da docência em Geografia em escolas oficiais.

Quando retornou a Salvador passou a dar aulas em universidades e a exercer sua outra atividade profissional, a de jornalista do *Jornal da Tarde*.

Sua formação específica em Geografia foi obtida na década de 50, quando estudou na França e doutorou-se na Universidade de Estrasburgo.

Retornando ao Brasil em 1958, atuou na Universidade da Bahia até 1964, quando suas idéias de progresso foram freadas pelas ações do golpe militar. À sua prisão sucedeu-se o exílio, como opção voluntária, o que determinou sua maratona fora do país, iniciada na França, onde permaneceu de 1964 a 1971, desenvolvendo atividades nas Universidades de Toulouse e Bordeús e, mais tarde, na Sorbonne, em Paris.

Nos anos de 1971 e 1972, permaneceu nos Estados Unidos como pesquisador, atendendo convite do Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT).

No período de 1973 a 1977, atuou como professor na Universidade Politécnica de Lima, no Peru, na Universidade de Dar-es-Salaam, na Tanzânia, na Universidade Central da Venezuela em Caracas e na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque.

Podemos dizer que o período que correspondeu ao seu exílio, paradoxalmente, constituiu-se num tempo muito profícuo, para a fecundação de suas idéias e o amadurecimento de seus estudos sobre a realidade das cidades do Terceiro Mundo, publicados em diversos países e que lhe deram a devida notoriedade e reconhecimento no exterior. Com sua bagagem traz uma grande contribuição à Geografia e aos geógrafos brasileiros. Contribuição essa expressa, em especial, em sua obra "Por uma Geografia Nova", lançada em 1978, através da qual passa a promover e a expandir o pensamento geográfico crítico e que se constituirá num marco referencial determinante para os movimentos desta ciência.

Enfrentou, no Brasil, dificuldades para recomeçar sua carreira acadêmica e, somente dois anos após o seu regresso, consegue trabalho na Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição na qual permaneceu até 1983, desligando-se, para em 1984, ingressar, após prestação de concurso na USP. Como Professor Titular de Geografia Humana, começa a receber manifestações efetivas de reconhecimento nacional, especialmente após ter sido distinguido, em 01/10/94, em Saint Dié des Vosges, na França, com o Prêmio Internacional Vautrin Lud, a partir da indicação de geógrafos de 50 universidades de todo o mundo. Esse prêmio equivale a um Prêmio Nobel para a Geografia e já foi obtido por geógrafos da Inglaterra, da Suécia e dos Estados Unidos, mas, pela primeira vez, por um geógrafo do Terceiro Mundo. A premiação certamente coube-lhe porque soube falar a linguagem desta parte do mundo, com a consciência de quem realmente conheceu e vivenciou a realidade de seu próprio país, fornecendo as explicações desta realidade, transformadas em teorias e em epistemologias do espaço.

Anteriormente, já havia sido homenageado com os Títulos de Doutor "*Honoris Causa*" pelas Universidades de Toulouse (1980), pela Universidade Federal da Bahia (1987), pela Universidade de Buenos Aires (1992), pela Universidade Complutense de Madrid (1984), pela Universidade Estadual da Bahia (1995), pela Universidade Federal de Sergipe (1995) e, neste ano, pela Universidade de Barcelona.

Presentemente, também foi agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em sessão realizada no dia 10 de abril, na cidade de Porto Alegre e, hoje, passa a acumular mais um título, desta vez, ofertado por nossa Universidade.

A homenagem prestada por sua colega da USP, Professora Ana Fani Alessandri Carlos, publicada no "AGB em Debate", de março de 95, é também uma análise resumida de nosso homenageado. Ela assim se expressa:

"Em Milton Santos, a Geografia apresenta-se em sua capacidade de apreensão e explicação da realidade pois o 'mundo o instiga'. E como o mundo – enquanto realidade prático sensível – apresenta-se em constante processo de transformação,

seu pensamento vai evoluindo, ganhando novas formas e dimensões, incorporando sempre novos temas. É assim que se pode apontar para uma análise a evolução do pensamento do professor Milton Santos, ao longo de sua volumosa obra. Sem dúvida alguma ele reflete as transformações do mundo moderno e do pensamento geográfico: seus impasses e perspectivas. Para nos atermos em apenas um exemplo, o pensamento do professor sobre o processo de globalização ganha sentido, hoje, num mundo onde as fronteiras nacionais explodem articulando todos os lugares através de um conjunto de redes e circuitos articulados no mercado mundial e enquanto convergência de fluxos múltiplos”.

Nestes novos tempos em que estamos vivendo e que têm merecido a investigação e as abordagens de diversos pesquisadores, de seu estudo não necessariamente os românticos ou apenas os sonhadores acordam e se perguntam: há esperança? É uma interrogação abissal que até parece não ter sentido. Mas Milton Santos, sem medo de ser utópico, diz: *“Eu quero ser utópico mesmo, é meu trabalho. Dizer que a utopia não pode ser realizada é uma bobagem, porque é negar o homem. O que distingue o homem dos outros bichos é o projeto. Eu acredito no potencial humano. Não se faz nada sem um projeto. Se não houver utopia, não é homem. Vamos viver para quê, se não temos utopia?”*

Este é Milton Santos: um homem que acredita no homem.

* Professora no Departamento de Geociências da UPF.